

HILTON JAPIASSU

**SABER ASTROLÓGICO: UMA IMPOSTURA CIENTÍFICA?
SÃO PAULO: EDITORA LETRAS & LETRAS, 1992**

A que vem, nesses dias, mais um livro de astrologia?

Tempos pós-modernos de inúmeros desencantos; de alquímicas e rupestres energias cósmicas orientadoras dos destinos desorientados e de magos no topo dos *best-sellers*. Era de incertezas para individualidades desprotegidas por uma ciência-espetáculo capaz de levar o homem à Lua e deixar outros sob os viadutos. Nesse quadro, o que esperar de uma obra com o título *Saber Astrológico: uma impostura científica?*, quando até na França, menos desesperançada, 60% das pessoas declaram-se leitoras assíduas das colunas de horóscopos?

Sem surpresas - provavelmente um apelo fácil às sugestões de sucesso editorial vigente, mais um bruxo - não fosse produto da pena de Hilton Japiassu. Um autor ocupado e preocupado com e no que nossos historiadores, infelizmente, se fazem ausentes: o conhecimento, os saberes, suas condições sociais e filosóficas. Já vai uma longa trilha só entre os seus trabalhos mais afinados com este novo lançamento - *O mito da neutralidade científica*, 1975, *Nascimento e morte das ciências humanas*, 1978, *A revolução científica moderna*, 1985, *As paixões da ciência*, 1991.

Agora Japiassu oferece-nos mais um estudo histórico-epistemológico das raízes e trajetória do saber astrológico. A técnica do contraponto astrologia-ciência é uma constante por todo seu texto, ilustrando

o processo de abandono do indivíduo por uma tecnociência, senhora de todas as naturezas menos a humana. Exclusão do homem do cenário astrobiológico demolido pela razão iluminista, como o relatado pelo episódio que destrona a astrologia no *annus mirabilis* de 1666 - mil anos do acorrentamento de Satã mais o número 666 da Besta do Apocalipse - onde o ministro Colbert a proíbe formalmente: só poderiam permanecer na Academia de Ciências os astrônomos que a ela renunciassem. Os astrólogos são impedidos de fazer o mapa astral de Luís XIV. (p. 31, 101.)

Mas, como identifica Japiassu, o que ocorre nesse momento não é um *referendum* de algum tribunal epistemológico. É um engano historiográfico dizer-se que a nova ciência de Newton-Galileo a refutou.

"Se a astrologia perdeu terreno, no século XVII, foi porque não correspondia mais à sensibilidade do grande público, à nova "mentalidade" emergente, à nova maneira de se pensar a ação humana. Ela não foi refutada. Simplesmente, tornou-se

obsoleta. Os homens dessa época optaram por um novo estilo, por uma nova utopia. (...) Não foi por ser falsa que se tornou marginal. Mas porque os atores históricos resolveram investir alhures, nada mais tendo a lhe perguntar" (p. 157).

Tornada clandestina, a astrologia perdeu aí sua batalha, mas não a guerra (p. 138). Retorna pela porta dos fundos.

Para o grande público, a desejada reconciliação do homem consigo mesmo (p. 214) dá-se à margem do imperialismo da ciência - de ser o único saber verdadeiro. Um saber que tornou Deus uma hipótese desnecessária e obrigou o recuo da religião como sistema explicativo global (p. 158). A lacuna gerada permite a saída da clandestinidade da astrologia (p. 159) para realizar a síntese necessária a cada indivíduo no espaço de sua existência. Síntese que a ciência abandonou e a astrologia tomava como ponto fulcral.

Com forte apoio de material histórico, Japiassu investiga o malabarismo sobrenatural realizado por alguns físicos (p. 156, 218). Seu relato e análise (p. 212) do famoso Congresso de Córdoba/1979 - reunindo por cinco dias eminentes cientistas, poetas e filósofos entregues à especulação metafísica - é exemplar. A ciência, que perdeu a visão unitária do homem, vive hoje (p. 143) em regime de cumplicidade ecumênica com outros saberes, inclusive os eso/exotéricos. Afinal, ela os recalca mas não os elimina; os mecanismos encantatórios prosseguem dando respostas mais reconfortadoras (p. 139).

Como fecho dessa obra, Japiassu examina uma lista respeitável de casos colhidos entre reconhecidas personalidades científicas, de Einstein a Capra, passando por Heisenberg, Pauli, Prigogine, David Bohm, Ruyer (o autor da *Gnose de Princeton*) e Brian Josephson. Este, prêmio *Nobel* presente ao Congresso de Córdoba, evoca "o corpo astral como explicação possível da visão à distância" (p. 212). Ciência e magia assim se aproximam, confundindo limites (p. 222). Igualmente, Niels Bohr, um dos pais da física quântica, questionado por que mantinha uma ferradura pendurada atrás da porta de sua residência e interrogado se cria naquilo, teria respondido: *funciona mesmo quando não se acredita* (*Paixões da Ciência*, p. 195).

Em *Saber Astrológico: uma impostura científica?*, Japiassu aproxima-se do terreno das histórias das idéias e das mentalidades como um crítico das limitações da razão iluminista. Uma razão alimentadora do cientificismo que omite a humanidade do homem do seu horizonte de eventos. Uma razão a-histórica cuja omissão do existencial abre as oportunidades para a entrada em cena dos sortilégios do momento presente. Contra isso, Japiassu coloca-se como uma resistência, e nos deixa, ao fim de sua leitura, a sensação de que os bons tempos voltaram: tempos de seriedade intelectual, tempos *ainda* modernos.

Carlos Alvarez Maia

